

10 anos de *Alma Suburbana*: Uma análise da história e das identidades suburbanas a partir do documentário

Luiz Claudio MOTTA LIMA¹
Mestre em Geografia pela UERJ
cineclubsuburbioemtranse@gmail.com

Rafael MATTOSO²
Doutorando, em História da cidade e do urbanismo, PROURB/UFRJ
rafaelmattoso@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho busca produzir uma reflexão sobre as identidades suburbanas a partir do documentário *Alma Suburbana*, idealizado, produzido e exibido, inicialmente, no ano de 2007. Desde o início da produção do filme, a intenção era dar voz aos moradores dos subúrbios cariocas, que na maioria das vezes contestam a forma depreciativa que os bairros de subúrbio são retratados na mídia em geral. A equipe era formada por um grupo de alunos da rede municipal de ensino e a intenção foi mostrar como os subúrbios são realmente vistos por seus moradores e também por aqueles que procuram problematizar tal tema, mesmo não morando em um subúrbio. Os entrevistados foram escolhidos a partir da relevância de suas atividades culturais no campo da produção musical, cinematográfica, poética, da dança, entre outras atividades suburbanas. A estética escolhida foi a do cinema documentário de entrevistas inspirado no cineasta Eduardo Coutinho, que trabalhava buscando deixar o documentário bem enxuto. Aproveitando a influência do referido cineasta, nós autores do filme também nos colocamos como personagens do documentário, interrompendo os entrevistados, aparecendo nas cenas do filme e principalmente reivindicando o nosso espaço na cidade.

Palavras Chaves: cinema; identidade; subúrbios cariocas; cineclubismo

Abstract: The present work seeks to produce a reflection on the suburban identities from the documentary *Alma Suburbana*, idealized, produced and exhibited, initially, in the year 2007. Since the beginning of the production of the film, the intention was to give voice to the residents of the suburbs of Rio de Janeiro, who most often contest the derogatory way suburban neighbourhoods are portrayed in media, in general. The team was mainly made up of a group of students from the municipal education system and

¹ O autor trabalha nas redes municipais de ensino de Duque de Caxias e do Rio de Janeiro. Também dirigiu alguns filmes, tais como *Alma Suburbana*, *O poeta do samba*, *Cine Vaz Lobo*. É organizador e fundador do cineclub Subúrbio em transe, fundado em 07/07/2007.

² Morador do subúrbio carioca, professor de História da rede pública e privada e doutorando do Prourb, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da UFRJ. Iniciou suas pesquisas sobre os Subúrbios em 2003, produzindo um trabalho monográfico intitulado “A Estética do Subúrbio”. A partir de 2007, desenvolveu a dissertação de mestrado, em História Comparada, sob o título “Echos de Resistência Suburbana”.

the intention was to show how the suburbs are actually seen by their residents and also, by those who seek to problematize such subject even though they do not live in a suburb. The interviewees were chosen, from the relevance of their cultural activities, in the field of musical production, cinematographic, poetic, dance, among other suburban activities. The chosen aesthetic was the documentary film of interviews, inspired by the cinematographer Eduardo Coutinho, who worked to make the documentary very lean. Taking advantage of the influence of the filmmaker, the authors of the film also put themselves as characters of the documentary, interrupting the interviewees, appearing in the scenes of the film and mainly claiming their space in the city.

Keywords: movie, identity, cariocan suburbs, cineclubism.

A História suburbana

É inegável que os subúrbios cariocas emolduram grande parte da identidade dos moradores da cidade do Rio de Janeiro, fornecendo elementos culturais, religiosos e socioafetivos que ajudam a compor sua história. Em meio a estes arrabaldes, tantas vezes celebrado por canções, retratado em filmes e protagonizado em clássicos literários, uma parte do território singular da nossa constituição metropolitana foi sendo forjada com pouca precisão espacial e conceitual. Logo, a missão de definir este topônimo e sua empregabilidade no caso fluminense certamente transbordaria os limites deste artigo. A evidente pluralidade do nosso objeto de estudo nos permite apenas apresentar, ao longo desse texto, apontamentos sobre a particularidade do processo de formação e reconhecimento de identidade entre os moradores dos suburbanos a partir de um olhar sobre o documentário *Alma Suburbana*.

Acreditamos ser importante explicitar que este trabalho, assim como o filme que lhe precede, são apontados como formas de luta por parte de seus autores. Um meio crítico que se propõe efetivar através da transformação do espaço urbano, buscando meios para que a cidade possa ser vista como um espaço democrático que agregue as diversidades e interaja, no sentido de propiciar uma vida digna para todos os seus moradores.

Neste sentido, enquanto participava de um evento promovido pelo cine clube Subúrbio em Transe, na lona cultural de Vista Alegre, relembramos que coincidentemente na mesma data, no dia 29 de março de 2018, o Imperador Dom Pedro II havia inaugurado a maior estrada de ferro do país, 160 anos antes, abrindo igualmente as primeiras estações suburbanas da cidade. Tive outra surpresa durante a exibição do documentário *Privatizações: a distopia do capital* (2014), ao descobrir que o cineasta Silvio Tendler, que pessoalmente participava do evento, acabava de completar seus 68 anos no mesmo mês em que o Rio de Janeiro celebrava seu 453º aniversário.

Naquela noite muitas coisas me fizeram refletir sobre o simbólico papel de resistência cultural dos subúrbios, mais em especial um depoimento contundente proferido pela arquiteta e urbanista Ermínia Maricato, que transcrevo abaixo, em uma das cenas finais do filme:

Milton Santos disse que os jovens pobres "vivem um exílio na periferia". O que é o exílio na periferia?

É o cara que não pode sair de lá ou por que ele não tem transporte, ou não tem dinheiro pro transporte, se o transporte existe...

O que se espera de um jovem que mora num bairro onde ele não tem equipamento esportivo, cultural, artístico e não tem mobilidade?

Ele é EXILADO.

Citando o professor Milton Santos, especialmente aos 45 minutos e 30 segundos no decorrer do documentário, temos a emblemática fala de Maricato: «... a qualidade dos serviços públicos é o que assinará a carta de alforria, principalmente dos jovens que vivem o destino do exílio na periferia. ». Esta colocação ecoou fortemente, amplificando nossa sensibilidade sobre as experiências cotidianas vivenciadas na cidade. O peso de tais palavras parecia ser mais contundente ao pensarmos no processo histórico de formação dos subúrbios, mesmo considerando toda heterogeneidade física, social, cultural e que estes contêm.

Logo, fomos obrigados a resgatar as leituras de Milton Santos, em especial, sobre as Metamorfoses do espaço habitado. Percebemos que para o autor todo lugar abarca um jogo de permanentes mudanças, decorrente de lógicas próprias a sociedade e seus tempos, enfatizando que as inovações técnicas sempre estão transformando o espaço geográfico. De acordo com o referido autor: « *O espaço é resultado da ação do homem sobre o próprio espaço.* » (Santos, 1994: 97).

A partir destas considerações apreendemos melhor os objetivos da desigual divisão dos investimentos e recursos públicos, identificados ao longo de nossas leituras como um processo vigente desde o início do governo republicano (1889).

Conforme sugere Maurício de Almeida Abreu, a organização do espaço e o próprio deslocamento geográfico da população no tempo é de alguma forma influenciada pela penetração do capital privado, fortemente apoiada e em muito respaldado pela atuação de forças oriundas dos poderes governamentais:

Não tem uma participação neutra no contexto urbano a ação pública (contribui para a construção diferenciada do espaço, provendo as áreas de interesse do capital e das classes dominantes de benefícios que são negados às demais classes e setores da sociedade. (Abreu, 1987: 84).

Esta interpretação prévia, sobre o papel dos interesses do capital, ajuda a reforçar o entendimento da importância de novos olhares e estudos críticos que busquem resgatar a pluralidade e potencialidade das identidades suburbanas. Sendo assim, procuramos justificar a relevância de temas que contemplem a História dos Subúrbios cariocas, pois apesar do número elevado de habitantes, agregando as zonas Norte e Oeste da cidade temos cerca de 70% da sua totalidade, os subúrbios ressentem de investimentos públicos, caracterizando-se tanto pela carência em termos de infraestrutura e serviços quanto pela desatenção a seus singulares valores culturais.

Predomina entre nós, em nossa linguagem, a ideia de um espaço subordinado e sem história, sem criação, sem cultura, carente de valores estéticos em seus homens e sua natureza - subúrbio é quase sempre feio e sem atrativos, ausente de participação política e cultural. No máximo, concede-se ao subúrbio o lugar de reprodução. (Fernandes, 1995: 3).

A própria palavra subúrbio foi perdendo sua polissemia etimológica e geográfica, passando a caracterizar arquetipicamente o local dos pobres e dos trabalhadores dependentes das linhas férreas. Entre as várias conotações que adquiriu o termo, cabe lembrar o fato de que “subúrbio” foi utilizado quase que exclusivamente para se referir a bairros ferroviários e populares; percebemos que não se denomina subúrbio onde não há trem, mesmo que sejam áreas periféricas com baixa densidade populacional e outras características próprias aos subúrbios em geral.

É profícuo lutar contra esta visão equivocadamente homogeneizante, para tal, devemos buscar meios de resgatar valores identitários e territoriais que fortaleçam o sentimento de pertencimento das populações envolvidas.

Refletindo sobre o espaço urbano carioca, a partir de uma entrevista concedida ao jornal *O Globo*, em 27/10/2012, o geógrafo Nelson da Nobrega Fernandes constatou que a mudança de sentido da palavra - ou “rpto ideológico”, como ele define - se dá no momento em que esta passa a ser associada somente aos lugares de moradores de baixa renda servidos pelas ferrovias. Segundo Fernandes, o subúrbio se tornou “suburbano”, no sentido pejorativo da palavra, a partir da década de 1930.

Nosso recorte igualmente sugere que este longo e complexo processo de depreciação se deu em meio a muitos embates que foram intensificados, principalmente a partir da segunda década do século XX.

A mesma reportagem, que interpela acima o conceito de subúrbio é apresentado como:

*Subúrbio é originalmente um termo geográfico para distinguir territórios periféricos, distantes dos centros urbanos, formados inicialmente como refúgio da classe trabalhadora. No Brasil, e especificamente no Rio de Janeiro, entretanto, ele foi ganhando tanto os contornos concretos delimitados pelo traçado da linha férrea como também os de uma ideia construída a partir do comportamento e da cultura de seus moradores.*³

Nos referindo a cultura como elemento identitários, representado na citação acima como uma espécie de comportamento dos moradores suburbanos, o foco também passa a ser as relações de sociabilidade estabelecidas em meio aos seus espaços públicos e privados.

Para tal, é importante compreendemos o conceito de cultura como o conjunto de modos de vida, tradições, costumes e experiências vivenciadas por um determinado grupo social dentro de um contexto histórico.

Segundo Alba Zaluar e Ana Paula Alves Ribeiro (2009) a sociabilidade foi gerada pelos negros expulsos de cortiços do Centro, ex-escravos, pessoas que já trabalhavam juntas no Porto, frequentavam as mesmas rodas de samba, os mesmos terreiros. A solidariedade construída naquele tempo ainda faz com que estes moradores se ajudem na hora do casamento, do batizado, dos enterros. Os moradores do subúrbio têm um ethos próprio que surgiu da necessidade de se unirem.

Estes indícios históricos contribuem no intuito de provar que o atual desconhecimento da história, e por sua vez, das particularidades suburbanas foram construídos através de um processo lento e gradual, acompanhado de uma transição socioeconômica, em um ambiente reformista, que produziu além de reformas urbanas e estéticas, um modelo desnaturalizado do que viria a ser os subúrbios.

De fato, acreditamos que o desenvolvimento de nosso trabalho poderá revelar, de forma ainda mais contundente, o quanto os subúrbios cariocas são multifacetados e plurais, pois cada área deve ter suas particularidades reveladas publicamente e reconhecidas e potencializadas coletivamente, de modo a reforçar uma relação identitária de pertencimento local e global. « *Cada lugar é, à sua maneira, o mundo [e neste sentido] a uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade.* » (Santos, 2002: 314).

³ Complexo urbano, *O Globo*, 27/10/2012 <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/complexo-urbano-472245.html>

A identidade suburbana

Na maioria das regiões que atualmente podemos considerar como subúrbio cariocas é inegável que a vida tem se configurado através de um jogo de escalas, particularmente mensurado pela história das casas, ruas e trilhos que promovem a interlocução de seus moradores.

Neste cenário, portas e janelas parecem sempre demonstrar uma certa abertura, na receptiva forma de troca, entre o espaço público da rua e as singularidades do campo privado da residência. Acreditamos que desse interstício surgem as bases de um ethos suburbano, de modo similar à produção do documentário *Alma Suburbana*.

Este filme foi produzido e dirigido de forma coletiva por alunos de escola pública, da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. A intenção era justamente retratar a identidade suburbana através de seus moradores. A ideia de fazer o filme não surgiu por acaso.

A identidade suburbana se impôs entre a equipe e fez com que este desejo de se mostrar aparecesse também no filme e na edição. Logo, pensamos numa estética onde a equipe não só aparecesse, mas também fosse personagem do filme, interagindo com os demais entrevistados, até podendo vir a interromper as entrevistas, provocar e enfatizar a força de quem realiza o documentário. Portanto, dizer que o *Alma Suburbana* se orienta a partir de entrevistas, não é um erro, mas é com certeza uma visão simplificada do filme. De fato, o documentário se articula através de entrevistas, mas para além das entrevistas, percebe-se claramente o envolvimento da equipe em cada assunto.

Cada entrevista representou um momento de envolvimento direto da equipe, tal como, nas cenas que vemos parte da equipe do indo de metrô e ônibus de Vista Alegre até a Urca, para encontrar e captar a participação do cineasta Eryk Rocha, filho de Glauber Rocha e importante diretor do cinema novo. Nesta cena vemos todo um percurso que não é só da equipe, também é igualmente compartilhado por muitos moradores que ainda precisam se deslocar cotidianamente dos subúrbios para trabalhar na zona sul.

Desde o ano do surgimento da oficina de vídeo do Núcleo de Arte Grécia, em 2003, (o Núcleo de Arte Grécia surgiu um ano antes em 2002 como polo de extensão de criação em Artes) vários curtas dos alunos mostravam o lugar onde moram e se relacionam e também as críticas, os problemas, as reivindicações. Curtas como *Muduriás*, *Um lugar chamado Quitungo*, *Overdose*, *345 - A Viagem do terror*, entre outros, já traziam várias questões ligadas à identidade suburbana. Mas foi através do curta *Arrastão literário*, que ficou claro que os alunos e parte da população suburbana queriam se expressar e mostrar sua opinião sobre a vida na cidade, além de também reivindicar seus direitos.

O curta *Arrastão literário*, realizado em junho de 2007, conta a saga de Evando dos Santos, um pedreiro que montou uma biblioteca em sua casa e conseguiu que o arquiteto Oscar Niemeyer fizesse um projeto para construir uma biblioteca no bairro da Vila da Penha. O plano idealizado por Evando dos Santos era justamente de fazer um arrastão literário em Copacabana, ou seja, com um grupo de alunos e simpatizantes do projeto ele iria distribuindo livros para os moradores.

O Arrastão literário se inspirou nos famosos arrastões que tiveram início na década de 1980 nos bairros da zona sul do Rio de Janeiro, como Ipanema e Copacabana. Entretanto, o arrastão idealizado por Evando dos Santos não teve muita repercussão. No dia nacional da educação, 28 de abril de 2007, partimos para distribuir os livros. Foram distribuídos quinhentos livros, mas nenhuma emissora noticiou o acontecido, embora tivesse uma equipe de televisão cobrindo o evento. Só o curta estava lá para noticiar o que aconteceu.

Tempos depois a jovem jornalista, recém-formada, Joana D'arc entrou em contato para saber do filme. Foi neste momento que pude mostrar o que pensava sobre como a cidade via os bairros do subúrbio. Então, a jornalista propôs de realizarmos um documentário sobre a cultura no subúrbio carioca. Em agosto de 2007, nos reunimos com a equipe de alunos e fomos propondo temas para as entrevistas e também organizamos os alunos para exercer as funções técnicas no documentário. Os alunos Hugo Labanca e Leonardo Oliveira se destacaram e dividiram as funções de Direção, Edição e Fotografia. A jornalista Joana D'arc foi produtora, diretora e entrevistadora juntamente com alguns alunos. Luiz Claudio Motta Lima, como professor, foi responsável pela orientação dos alunos e organização e também dividi as funções de direção, produção, fotografia e edição.

No dia 07 de julho de 2007, Luiz Claudio e seus alunos do Núcleo de Arte Grécia fundaram o cineclube *Subúrbio em transe*, na Casa do Artista Independente em Vista Alegre.



Figura 1: Logo do cineclube *Subúrbio em transe*

O cineclube *Subúrbio em transe* e o Núcleo de Arte Grécia produziram o filme, que em dezembro de 2007 já estava sendo exibido no cineclube e no Núcleo, logo em seguida, também no Ponto Cine, cinema de Guadalupe.

O título *Alma Suburbana* foi dado pelo poeta do samba Luiz Carlos da Vila em sua belíssima entrevista. O filme *Alma Suburbana* busca através de entrevistas com moradores e simpatizantes do subúrbio carioca entender e perceber a lógica da cidade que faz com que algumas áreas sejam vistas de forma diferenciada.

Nessa roda de conversa, no que se converte o filme, mais do que apenas entrevistas, podemos perceber várias questões como a violência urbana, a cultura suburbana, o melhor do subúrbio, a identidade suburbana, entre outros assuntos. Embora cada entrevista tenha sido realizada em um ponto determinado com perguntas próprias para cada entrevistado, há uma grande interação entre os assuntos e as entrevistas se transformam em bate papos onde se revela muito sobre o subúrbio.

No começo do filme atravessamos o túnel Rebouças em direção ao subúrbio. Se antes ouvimos apenas o barulho dos carros, quando atravessamos o túnel na direção dos bairros suburbanos o que passamos a escutar é justamente o samba na voz de Luiz Carlos da Vila e vemos uma placa com os seguintes dizeres: “Vai mudar. Chame o Rangel”. Esta uma das provocações do filme, se mostrando desde o início suburbano.

O documentário vai entrando cada vez mais pelo subúrbio, através de seus transportes diversos, mas principalmente pela linha de trem que liga diversos bairros suburbanos. Esta ligação através da linha férrea é uma ligação estética e metafórica carregada de identidades. O som do trem que se funde com a música de Marcelo Yuka um dos entrevistados e que dá um depoimento necessário sobre a identidade suburbana.

Depois de mais de dez anos da primeira exibição, em dezembro de 2007, na Casa do Artista Independente (CASARTI) o filme *Alma Suburbana* continua se comunicando com os espectadores que buscam nos questionamentos do documentário uma forma de entender como os bairros suburbanos continuam sendo estigmatizados como bairros meramente violentos e cheio de problemas.

A identidade suburbana se pretende ser reconhecida através do filme pelos moradores do subúrbio carioca, por meio de suas imagens, sons e sensações. Os conhecimentos do cinema, da educação e da geografia e história da cidade contribuíram para que as imagens do filme fossem capturadas pelo telespectador e fizesse surgir um questionamento sobre a vida nos subúrbios.



Figura 2: Foto do debate em comemoração aos dez anos do filme *Alma Suburbana*. No Ponto Cine, em Guadalupe, no dia 4 de Novembro de 2017. Sentado de camisa preta, Luiz Claudio e, sentado de camisa branca, Rafael Mattos.⁴

Bibliografia

- Abreu, M. de A. (1987). *A Periferia de Ontem: O Processo de Construção do Espaço Suburbano do Rio de Janeiro. (1870-1930)*. In: Espaço e Debates, Ano VII, vol. 1, nº 21. São Paulo, NERU.
- Fernandes, N. da N. (2011). *O Rapto Ideológico da Categoria Subúrbio: O Rio de Janeiro 1858-1945*. Ed. Apicuri, RJ.
- Lima, L. C. M. (2006). *A trilogia da Paisagem Carioca na obra de Nelson Pereira dos Santos*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Departamento de Geografia UERJ.
- Lima, L. C. M (2010). *Rio, Zona Norte: Um olhar sobre o Subúrbio Carioca*, in M. P. de Oliveira; N. da Nóbrega Fernandes (Org). 150 anos de Subúrbio Carioca. Rio de Janeiro. UFF/Lamparina, FAPERJ.
- Ribeiro, R. C. B. (2016). *Rizomas Suburbanos: Possíveis ressignificações do topônimo Subúrbio Carioca através dos afetos*. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Santos, M. (1994). *Metamorfoses do espaço habitado*. 3º ed. São Paulo: Hucitec.

⁴ Retirado do <https://www.pontosolidario.org/single-post/2017/11/04/10-Anos-de-Alma-Suburbana-no-Di%C3%A1logos-com-o-Cinema>

Santos, M. (2002). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.

Zaluar, A. & Ribeiro A. P. A. (2009). *Teoria da eficácia coletiva e violência. O paradoxo do subúrbio carioca*. Novos estud. - CEBRAP n.º84, São Paulo.

Filmografia:

Alma Suburbana, Direção: Hugo Labanca; Joana D'arc; Leonardo Oliveira; Luiz Claudio Lima, 2007.

Arratão Literário, Direção: Coletivo Núcleo de Arte Grécia, 2007.

Reportagem:

Complexo urbano, *O Globo*, 27/10/2012 <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/complexo-urbano-472245.html>